

PÁSSAROS FERIDOS

COLLEEN McCULLOUGH

PÁSSAROS FERIDOS

Tradução de
OCTÁVIO MENDES CAJADO



BERTRAND EDITORA

Lisboa 2012

*Para a
«grande irmã»
Jean Easthope*

Existe uma lenda acerca de um pássaro que só canta uma vez na vida, com mais suavidade do que qualquer outra criatura sobre a Terra. A partir do momento em que deixa o ninho, começa a procurar um espinheiro e só descansa quando o encontra. Depois, cantando entre os ramos cruéis, empala-se no espinho mais agudo e mais comprido. E, morrendo, sublima a própria agonia e solta um canto mais belo do que o da cotovia e o do rouxinol. Um canto superlativo, cujo preço é a existência. Mas o mundo inteiro detém-se para o ouvir, e Deus sorri no Céu. Pois o melhor só se adquire à custa de um grande sofrimento... Pelo menos, é o que diz a lenda.

I

1915-1917 — MEGGIE

No dia 8 de dezembro de 1915, Meggie Cleary completou o seu quarto ano de vida. Depois de retirar os pratos do pequeno-almoço, a mãe, sem proferir palavra, pespegou-lhe um embrulho de papel pardo nos braços e mandou-a embora. Meggie foi acocorar-se atrás da moita de tojo que crescia ao pé do portão da frente e começou a desmanchar o embrulho com impaciência, mas os seus dedos eram desajeitados e o embrulho, grosso; o cheiro, muito leve, lembrava o da loja de Wahine, donde concluiu que o que se achava dentro do pacote, fosse lá o que fosse, tinha sido milagrosamente comprado, não era nada feito em casa ou oferecido.

Uma coisa linda e vagamente dourada principiou a surgir a um canto; ela puxou o papel mais depressa, rasgando-o em tiras compridas e irregulares.

— Agnes! Oh, Agnes! — exclamou apaixonadamente, pestanejando para a boneca deitada num ninho de trapos.

Um milagre, com efeito. Só uma vez em toda a sua vida Meggie estivera em Wahine; em maio, havia muito tempo, por ter sido uma menina boazinha. Encarrapitada na charrete ao lado da mãe, muito bem-comportada, sentira-se tão emocionada que não vira quase nada e lembrava-se de menos ainda. Exceto no que tocava a Agnes, a linda boneca sentada no balcão da loja, que vestia uma saia-balão de cetim cor-de-rosa, com folhos de renda creme. Ali mesmo, naquele momento, batizara-a com o nome de Agnes, o único que conhecia suficientemente elegante para uma criatura sem par como aquela. Entretanto, nos meses que se seguiram, o seu desejo de ter Agnes não acalentara esperança alguma; Meggie não tinha bonecas e não sabia que as meninas e as bonecas haviam sido feitas umas para as outras. Brincava, feliz, com os apitos e as fisgas e os soldadinhos estropiados que os irmãos deitavam fora, sujava as mãos e enlameava as botas.

Nunca lhe ocorrera que Agnes fosse um brinquedo. Passando a mão pelas pregas rosadas e brilhantes do vestido, mais bonito do que qualquer outro que já vira em alguma mulher, pegou nela com ternura. Como os braços e as pernas da boneca eram articulados, podiam ser movidos em qualquer direção, e o mesmo sucedia com o pescoço e a cinturinha fina e graciosa. Os cabelos dourados estavam primorosamente arranjados num penteado alto à Pompadour, salpicados de pérolas, e o pálido regaço deixava-se entrever apesar das rendas creme, presas com um alfinete de pérola. O lindo rosto de porcelana, muito bem pintado, não fora polido para dar à tez delicadamente colorida uma textura mate natural. Uns fantásticos olhos azuis, parecidíssimos com olhos de verdade, brilhavam entre cílios feitos de pelos verdadeiros, com as íris estriadas e circundadas de um azul mais forte; fascinada, Meggie descobriu que, reclinada bem para trás, Agnes cerrava as pálpebras. Numa das faces levemente coradas exibia um pequeno sinal, e a boca, ligeiramente entreaberta, mostrava uma fileira de dentinhos brancos. Meggie colocou a boneca no colo com toda a delicadeza, cruzou os pés confortavelmente debaixo do corpo e ficou a olhar.

Continuava ainda sentada atrás da moita de tojo quando Jack e Hughie se aproximaram pelo meio da erva alta perto da cerca, onde não se lhe podia chegar com a foice. Os cabelos de Meggie eram típicos dos Cleary, pois todas as crianças da família, exceto Frank, tinham-nos marcados por um tom de vermelho; Jack segredou para o irmão e apontou, todo satisfeito. Os dois separaram-se, sorrindo um para o outro, e fingiram ser polícias a cavalo atrás de um renegado maori. De qualquer maneira, Meggie não os teria ouvido chegar, tão absorta se achava na contemplação de Agnes, trauteando baixinho para si mesma.

— O que foi que te deram, Meggie? — gritou Jack, saltando sobre ela. — Mostra-nos!

— Sim, mostra-nos! — repetiu Hughie, reprimindo o riso e flanqueando-a.

Ela aconchegou a boneca ao peito e abanou a cabeça.

— Não, é minha! Foi a minha prenda de anos!

— Mostra-nos, vamos! Só queremos dar uma olhadela.

O orgulho e a alegria levaram a melhor. Ela ergueu a boneca de modo a que os irmãos pudessem vê-la.

— Vejam, não é linda? Chama-se Agnes.

— Agnes? Agnes? — repetiu Jack, simulando engasgar-se. — Que nome mais idiota! Porque não lhe chamas Margaret ou Betty?

— Porque ela é Agnes!

Hughie notou a articulação no punho da boneca e assobiou.

— Jack, olha para isto! É capaz de mexer a mão!

— Onde? Deixa-me ver.

— Não! — Meggie tornou a estreitar a boneca contra o peito, já à beira das lágrimas. — Não, vocês vão parti-la! Oh, Jack, não ma tires... vais parti-la!

— Ora!

As mãos escuras e sujas do rapaz fecharam-se em torno dos pulsos dela, apertando com força.

— Queres uma queimadura chinesa? E não fiques a chorar dessa maneira, olha que eu conto ao Bob. — Apertou-lhe a pele em direções opostas até deixá-la esbranquiçada, enquanto Hughie agarrava as saias da boneca e puxava. — Dá-me a boneca, ou aperto a sério!

— Não! Não faças isso, Jack, por favor, não faças isso! Vais parti-la, eu sei que vais! Por favor, deixa a boneca em paz! Não a leves, por favor!

Apesar da dor que sentia nos pulsos, Meggie continuava agarrada à boneca, soluçando e distribuindo pontapés.

— Agarrei-a! — bradou Hughie, quando a boneca escorregou por entre os braços de Meggie.

Jack e Hughie acharam-na tão fascinante quanto Meggie e foram-lhe arrancando o vestido, os saíotes e as cuecas de baixo, compridas e cheias de pregas. Agnes agora estava nua, e os rapazes puxavam-na e torciam-na, forçando um pé a passar por trás do pescoço, obrigando-a a olhar para a própria espinha, impondo-lhe todas as contorções possíveis que lhes ocorriam. Não deram atenção a Meggie, que continuava a chorar; nem sequer pensou em pedir auxílio, pois na família Cleary quem não sustentasse as suas próprias batalhas merecia dos outros escassa ajuda ou simpatia, e isso aplicava-se também às raparigas.

Os cabelos dourados da boneca desfizeram-se, as pérolas voaram, tremeluzentes, e sumiram-se no meio da erva alta. Uma bota suja pisou descuidadamente o vestido abandonado, besuntando o cetim com massa consistente proveniente da forja. Meggie caiu de joelhos, esgaratando freneticamente o chão na ânsia de recolher as pequenas peças de roupa antes que viessem a sofrer maiores danos, e depois pôs-se a procurar por entre as ervas, onde supunha que as pérolas haviam

caído. As lágrimas cegavam-na, e a dor que sentia no coração era nova, pois nunca possuía até então coisa alguma por que valesse a pena chorar.

Frank atirou a ferradura incandescente para a água fria e endireitou as costas; já não lhe doíam e, portanto, era possível que se tivesse afeito ao ofício de ferreiro. Já não era sem tempo, teria dito o pai, depois de seis meses de prática, mas Frank sabia muito bem há quanto tempo fora iniciado na forja e na bigorna; contara cada dia com ódio e ressentimento. Atirando o malho para a caixa, afastou da testa com uma mão trémula a mecha de cabelos pretos e escorridos e desatou o velho avental de couro amarrado à volta do pescoço. A sua camisa jazia sobre um monte de palha, num canto; caminhou lentamente até lá e ficou-se por um momento a mirar a parede escalavrada do celeiro como se ela não existisse, com os olhos negros arregalados e fixos.

Era muito baixo, não media mais do que um metro e sessenta, e era magro como o são os rapazes nessa idade, mas os músculos dos ombros e dos braços nus já começavam a aparecer em virtude de trabalhar com o malho, e a pele pálida e perfeita brilhava de suor. Havia um ressaibo estrangeiro no negrume dos cabelos e dos olhos, a boca de lábios cheios e a larga cana do nariz não tinham a forma comum na família, mas corria sangue maori nas veias da sua mãe, e esse sangue transparecia nele. Frank tinha quase dezasseis anos, ao passo que Bob mal completara onze, Jack dez, Hughie nove, Stuart cinco e a pequenina Meggie, três. Lembrou-se então de que aquele era o dia do quarto aniversário de Meggie: 8 de dezembro. Vestiu a camisa e saiu do celeiro.

A casa erguia-se no topo de um outeiro e ficava, quando muito, a uns trinta metros acima do celeiro e dos estábulos. De madeira, como todas as casas da Nova Zelândia, era térrea e espalhava-se por uma ampla área, na suposição de que, se houvesse um terramoto, parte dela talvez continuasse de pé. A toda a volta crescia o tojo, naquela época do ano inteiramente coberto de opulentas flores amarelas; a erva era verde e luxuriante, como toda a erva da Nova Zelândia; nem mesmo em pleno inverno, quando a geada persiste, às vezes sem derreter o dia todo, a erva se acastanhava, e o verão, longo e moderado, só a coloria de um verde ainda mais rico. As chuvas caíam mansamente, sem molestar a tenra suavidade das coisas que cresciam, não havia

neve e o sol tinha apenas a força necessária para aquecer, nunca para destruir. Os flagelos da Nova Zelândia ascendiam trovejantes das entranhas da terra, raramente desciam do céu. Existia sempre uma sensação sufocada de espera, um estremecer intangível que, de facto, se transmitia através dos pés. Na realidade, debaixo do solo jazia um poder medonho, um poder de tamanha magnitude que trinta anos antes fizera desaparecer uma montanha inteira que dominava a planície; o vapor jorrava, ululante, de fendas nas encostas de colinas inocentes, os vulcões arremessavam fumo para o céu e os regatos alpinos corriam quentes. Imensos lagos de lama fervilhavam, oleosos, os mares atiravam-se a rochedos que talvez ali não estivessem para saudar a preia-mar seguinte, e havia lugares em que a crosta da Terra não tinha mais de duzentos e setenta metros de espessura.

Excetuando isso, era uma terra graciosa e amena. Para lá da casa, estendia-se uma planície ondulada, tão verde como a esmeralda que fulgia no anel de noivado de Fiona Cleary, salpicada de milhares de pequenos fardos esbranquiçados que, de mais perto, se via serem carneiros. No ponto em que os morros curvos recortavam a fimbria do céu azul-claro, o monte Egmont subia a três mil metros de altura, enfiando o cume entre as nuvens, as vertentes ainda alvas de neve, com uma simetria tão perfeita que até os que o viam todos os dias, como Frank, nunca deixavam de maravilhar-se.

Era uma boa subida do celeiro até casa, mas Frank apressou-se, consciente de que não devia fazer aquilo; as ordens do pai eram terminantes. Depois, quando dobrou a esquina da casa, deu com o grupinho ao pé da moita de tojo.

Frank levava a mãe a Wahine para comprar a boneca de Meggie, e ainda perguntava a si mesmo o que a induzira a fazê-lo. Ela não costumava dar presentes de aniversário que não tivessem utilidade, não havia dinheiro para tanto, e nunca dera um brinquedo a ninguém. Todos recebiam roupa; os aniversários e os Natais reabasteciam os poucos armários. Aparentemente, porém, Meggie vira a boneca no seu primeiro e único passeio à cidade, e Fiona não se esquecera. Quando Frank a interrogou, ela murmurou qualquer coisa sobre as meninas precisarem de bonecas e mudou logo de assunto.

Jack e Hughie entretinham-se com a boneca no caminho que se estendia à frente da casa, manipulando-lhe as articulações sem dó nem piedade. A única coisa que Frank pôde ver de Meggie foram as costas,

enquanto ela assistia à profanação de Agnes. As meias brancas e limpas tinham-lhe escorregado pelas pernas e caíam-lhe agora, amarrotadas, sobre as botinas pretas, deixando ver uns dez centímetros de perna, de pele rosada debaixo da barra do vestido dos domingos, de veludo castanho. Pelas costas abaixo, a sua basta cabeleira cuidadosamente anelada precipitava-se em cascata, cintilando ao sol; nem vermelha nem dourada, mas de um matiz intermédio. A fita branca de tafetá, que lhe segurava os caracóis à frente, pendia-lhe suja e inerte da cabeça e o vestido estava manchado de terra. Ela apertava as roupas da boneca numa das mãos e estendia a outra, em vão, para Hughie.

— Miseráveis!

Jack e Hughie levantaram-se de um salto e desataram a correr, esquecidos da boneca; quando Frank se zangava, era melhor fugir.

— Se eu os vejo a mexerem nesta boneca outra vez, meus malandros, juro que vos marco com um ferro em brasa esses traseiros sujos de merda! — gritou Frank para os dois em plena fuga.

Inclinou-se e agarrou os ombros de Meggie, sacudindo-a com meiguice.

— Eh, então, que é isso? Não precisas de chorar! Vamos, eles foram-se embora e nunca mais tocarão na tua boneca, prometo-te. Então, não me dás um sorriso no dia do teu aniversário?

O rosto de Meggie estava inchado, os olhos marejados; ela fitou Frank com os seus olhos cinzentos tão grandes e tão cheios de tragédia, que o rapaz sentiu apertar-se-lhe a garganta. Tirando um trapo sujo do bolso das calças, esfregou-o, desajeitado, no rosto dela, e depois prendeu-lhe o nariz entre as dobras do pano.

— Assoa-te!

Ela fez o que lhe mandavam, soluçando ruidosamente enquanto as lágrimas secavam.

— Oh, Fran-Fran-Frank, eles ti-ti-tiraram-me a Agnes! — fungou Meggie. — O ca-ca-cabelo dela caiu todo e per-per-perdeu todas as lindas pé-pé-pérolas «piquininas»! Caíram na rel-rel-relva e não consigo encontrá-las!

As lágrimas voltaram a correr, caindo na mão de Frank; ele olhou por um momento para a pele molhada e depois lambeu-a.

— Pois então teremos de encontrá-las, não é? Mas não encontras nada se ficares aí a chorar. E o que é isso de falares como um bebé? Há seis meses que não te ouvia dizer «piquinina» em vez de «pequeni-na»! Assoa de novo o nariz e depois agarra na pobre... Agnes. Se não a vestires já, ela vai apanhar um escaldão.

Fê-la sentar-se à beira do caminho e deu-lhe gentilmente a boneca; depois começou a esquadrihar a erva, até que deu um grito de entusiasmo enquanto mostrava uma pérola.

— Pronto! Aqui está a primeira! Vais ver que vamos achar todas.

Meggie ficou a observar o irmão mais velho com um semblante de adoração enquanto ele revolvía a relva, erguendo cada pérola à medida que as ia encontrando; lembrou-se então de que a pele de Agnes, muito delicada, devia queimar-se com grande facilidade, e dedicou toda a sua atenção a vestir a boneca. Não parecia existir qualquer ferimento sério. O cabelo ficara embaraçado e solto, as pernas e os braços estavam sujos onde os rapazes os tinham puxado e torcido, mas tudo continuava a funcionar. Havia um pente de tartaruga preso por cima de cada uma das orelhas de Meggie; ela puxou um deles com força até arrancá-lo do lugar e pôs-se a pentear a cabeleira de Agnes, feita de cabelos humanos, habilidosamente amarrados e presos a uma base de cola e gaze, e descorados até ficarem da cor da palha dourada.

Ela puxava desajeitadamente um grande nó quando algo de horrível aconteceu. Lá se foi o cabelo todo, que ficou a pender, qual maçaroca desgrenhada, dos dentes do pente. Acima da testa lisa e ampla de Agnes, não havia mais nada: nem cabeça, nem caixa craniana, só um buraco medonho, escancarado. Trémula, aterrada, Meggie inclinou-se para a frente a fim de espiar o interior do crânio da boneca. Os contornos invertidos das faces e do queixo revelavam-se vagamente, formando com a luz brilhante que se filtrava entre os lábios separados e os dentes uma silhueta preta, animal. O pior de tudo, porém, eram os olhos de Agnes, duas horríveis bolas soltas, trespassadas por um pedaço de arame que lhe furava cruelmente a cabeça.

O grito de Meggie foi agudo e fino, e não parecia um grito de criança; ela atirou Agnes para longe e continuou a gritar, cobrindo o rosto com as mãos, tremendo. Depois sentiu que Frank a puxava pelas mãos e a tomava nos braços, encostando-lhe o rosto contra o seu pescoço. Enlaçando-o com os braços, ela foi aos poucos sentindo-se melhor até que a proximidade do irmão a acalmou o suficiente para que reparasse no cheiro bom que ele exalava, a cavalos, suor e ferro.

Quando ela se aquietou, Frank fê-la contar o que se passava; apanhou a boneca e olhou curioso para a cabeça vazia, procurando lembrar-se se o seu universo de criança fora assim frequentado por terrores estranhos. Mas os seus fantasmas desagradáveis eram feitos de

peçoas, de sussurros e de olhares frios; do rosto fino, macilento e contraído da sua mãe, da mão dela que tremia quando segurava a sua, da inclinação dos seus ombros.

Que vira Meggie para ficar daquela maneira? Imaginou que ela não teria ficado tão perturbada se a pobre Agnes tivesse apenas sangrado ao perder o cabelo. A hemorragia era um facto concreto: alguém na família Cleary sangrava copiosamente pelo menos uma vez por semana.

— Os olhos dela, os olhos dela! — murmurou Meggie, recusando-se a olhar para a boneca.

— Ela é maravilhosa, Meggie! — murmurou Frank, mergulhando o rosto no cabelo da irmã. Como era bonito, como era opulento e cheio de cor!

Foi preciso amimá-la durante meia hora para a obrigar a não desviar os olhos da boneca e outra meia hora se passou antes que ele a persuadisse a espreitar pelo horrível buraco. Mostrou-lhe como funcionavam os olhos, como tinham sido cuidadosamente alinhados a fim de se ajustarem da maneira mais natural possível, mas mesmo assim abrindo e fechando facilmente.

— Agora vamos, já são horas de ir para casa — disse ele, erguendo-a nos braços e aconchegando a boneca entre o seu peito e o dela. — Vamos pedir à mãe que a arranje, hem? Lavamos e passamos a ferro a roupa dela e tornamos a colar-lhe o cabelo. Farei também uns ganchos melhores com essas pérolas, para que não caiam e possas pentear-lhe o cabelo como quiseres.

Fiona Cleary estava na cozinha a descascar batatas. Era uma mulher bonita, muito loura, de altura inferior à média, mas de rosto duro e severo; tinha um corpo bem feito e uma cintura fina, que não engrossara apesar das seis crianças que carregara. O seu vestido era de morim cinzento e as saias varriam o chão imaculado, ao passo que a parte da frente contava com a protecção de um enorme avental branco engomado, que dava a volta em torno do pescoço e se prendia, à altura dos rins, com um laço firme e perfeito. Desde que se levantava até que se deitava, vivia na cozinha e no quintal, e as suas robustas botas pretas tinham já traçado um caminho circular do fogão à lavandaria, da lavandaria à horta, da horta aos estendais e dos estendais de volta ao fogão.

Ela pôs a faca em cima da mesa e ficou a olhar para Frank e Meggie; os cantos da sua bonita boca descaíram.

— Meggie, deixei-te pôr hoje cedo o vestido dos domingos com a condição de que não te sujasses. Ora vê bem como estás! És mesmo uma desmazelada!

— Mãe, a culpa não foi dela — protestou Frank. — O Jack e o Hughie tiraram-lhe a boneca para descobrir como funcionam os braços e as pernas. Prometi-lhe que a deixaríamos como nova. Podemos fazê-lo, não podemos?

— Deixa-me ver.

Fee estendeu a mão para a boneca.

Era uma mulher calada, pouco dada à conversação espontânea. Ninguém nunca sabia o que ela pensava, nem mesmo o marido; deixava-o encarregar-se da educação das crianças e fazia tudo o que ele mandava sem comentários nem queixas, a não ser que as circunstâncias fossem demasiado insólitas. Meggie ouvira os irmãos murmurar que a mãe tinha tanto medo do pai como eles, mas, se isso era verdade, ela escondia-o debaixo de uma camada de calma impenetrável e levemente rígida. Nunca se ria, mas também nunca se irritava.

Concluída a inspeção, Fee colocou Agnes sobre o aparador, perto do fogão, e olhou para Meggie.

— Lavo as roupas dela amanhã cedo e darei um jeito no cabelo. Acho que o Frank pode colar o cabelo hoje à noite, depois do jantar, e dar-lhe um banho.

As palavras foram ditas num tom mais objetivo do que consolador. Meggie fez que sim com a cabeça, sorrindo com insegurança; às vezes, sentia uma grande vontade de ouvir a mãe rir, mas ela nunca o fazia. Pressentia que ambas compartilhavam de algo especial, não comum ao pai nem aos rapazes, mas não conseguia chegar além daquelas costas rígidas, daqueles pés que nunca paravam. A mãe acabou por concordar com um gesto ausente de cabeça e, com sacudidelas bruscas e hábeis, volteou as saias volumosas entre o fogão e a mesa, sempre a trabalhar, trabalhar, trabalhar.

O que nenhum dos filhos, a não ser Frank, compreendia era que Fee se sentia permanente e incuravelmente cansada. Havia tanta coisa para fazer, tão pouco dinheiro, tão pouco tempo e apenas um par de mãos para fazê-lo. Ela ansiava por ver chegar o dia em que Meggie tivesse idade bastante para ajudar; a criança já executava algumas tarefas simples, mas os seus escassos quatro anos não lhe permitiam aliviar

a carga. Seis filhos e apenas um deles, ainda por cima o mais novo, do sexo feminino. Todas as suas conhecidas demonstravam simultaneamente compreensão e inveja, mas isso também não dava conta do serviço. Na sua cesta de costura erguia-se uma montanha de meias por passar, nas suas agulhas achava-se outro par ainda não terminado; Hughie já não cabia dentro das camisolas e Jack ainda não estava pronto para lhe dar as suas.

Padraic Cleary estava em casa na semana do aniversário de Meggie por mero acaso. Ainda faltava muito para começar a temporada da tosquia, e ali havia trabalho para ele fazer, arando e plantando. Era, por profissão, tosquiador de carneiros, ocupação sazonal que durava dos meados do verão ao fim do inverno, logo seguida da época da parição. Geralmente, conseguia arranjar muito trabalho para toda a primavera e o primeiro mês do verão, ajudando na parição, na lavra das terras, ou substituindo um criador de gado local nas duas intermináveis ordenhas diárias. Onde havia trabalho lá estava ele, deixando a família no velho casarão a arranjar-se como pudesse; atitude, aliás, menos impiedosa do que parecia. A menos que alguém tivesse a sorte de possuir uma nesga de terra, era exatamente isso que tinha a fazer.

Quando ele entrou, pouco depois do pôr do Sol, os candeeiros estavam acesos e as sombras tremeluziam no teto alto. Reunidos na varanda dos fundos, os rapazes brincavam com um sapo, exceto Frank; Padraic soube logo onde ele estava, pois ouvia o firme bater de um machado vindo da direção da pilha de lenha. Deteve-se na varanda apenas o tempo suficiente para dar um pontapé no traseiro de Jack e puxar as orelhas de Bob.

— Vão ajudar o Frank a cortar lenha, seus vagabundos. E é melhor que acabem antes de a mãe pôr o jantar na mesa, ou ainda vos chego a roupa ao pelo.

Com uma inclinação da cabeça cumprimentou Fiona, atarefada ao pé do fogão; não a beijava nem abraçava, pois entendia que as demonstrações de afeto entre marido e mulher só ficavam bem num quarto de dormir. Enquanto manejava a descalçadeira para se livrar das botas enlameadas, Meggie, saltitando, trouxe-lhe os chinelos, e o pai sorriu para a menina com a curiosa sensação de pasmo que ela sempre lhe despertava. Era tão bonita, possuía cabelos tão lindos! Pegou numa madeixa encaracolada e puxou-a, alisando-a, e depois soltou-a, só para vê-la ressaltar e retomar a feição de sempre. Erguendo

a filha do chão, foi sentar-se na única poltrona confortável que havia na cozinha, uma poltrona Windsor com uma almofada presa ao assento, colocada perto do fogão. Suspirando, sentou-se, tirou o cachimbo do bolso e bateu-o descuidadamente no chão para sacar do forninho o resto do tabaco já queimado. Meggie aninhou-se-lhe no colo e passou-lhe os braços à volta do pescoço, com o rostozinho fresco erguido para ele, enquanto se entregava à distração de todas as noites: observar a luz que se coava através do restolho de barba dourada.

— Como vais, Fee? — perguntou Padraic Cleary à esposa.

— Bem, Paddy. Conseguiste terminar hoje o estábulo de baixo?

— Consegui, está tudo pronto. Amanhã cedo já posso começar a trabalhar no de cima. Safa, como estou cansado!

— Calculo! O MacPherson deu-te outra vez aquela velha égua teimosa?

— Que é que achas? Que ele seria capaz de ficar com o animal para si e deixar-me o ruão? Sinto os braços como se me tivessem sido arrancados dos ombros. Aquela égua é a mais teimosa de toda a Nova Zelândia.

— Deixa lá. Os cavalos do velho Robertson são todos bons, e não tarda vais para lá.

— Tomara que chegue a hora — disse Padraic.

Encheu o cachimbo de tabaco ordinário e tirou um pavio encerado de um jarro grande que havia perto do fogão. Bastou-lhe um movimento rápido para acendê-lo na fornalha; em seguida, inclinou-se para trás e puxou o fumo tão profundamente que o cachimbo começou a borbulhar.

— Então, como é fazeres quatro anos, Meggie? — perguntou à filha.

— Muito bom, pai.

— A mãe já te deu o presente?

— Oh, pai, como foi que tu e a mãe adivinharam que eu queria a Agnes?

— Agnes? — Olhou um instante para Fee, sorrindo e interrogando-a com as sobrancelhas. — Agnes é o nome dela?

— É. E é linda, pai. Quero ficar a olhar para ela o dia inteiro.

— É uma sorte ter ainda alguma coisa para olhar — interveio Fee, carrancuda. — O Jack e o Hughie tomaram conta da boneca antes que a pobre Meggie tivesse oportunidade de a ver bem.

— Pois, rapazes são rapazes. O estrago foi muito grande?

— Nada que não se possa consertar. O Frank apanhou-os antes que eles fossem longe de mais.

— O Frank? O que é que estava ele a fazer aqui? Tinha ordens para ficar na forja o dia todo. O Hunter está a precisar dos portões.

— Ele esteve na forja o dia todo. Só veio aqui procurar uma ferramenta, ou coisa que o valha — replicou rapidamente Fee; Padraic era demasiado duro com Frank.

— Oh, pai, o Frank é o melhor dos irmãos! Ele salvou a minha Agnes da morte e vai colar-lhe de novo o cabelo depois do jantar.

— Que bom! — disse o pai com voz sonolenta, inclinando a cabeça para trás e fechando os olhos.

Fazia calor diante do fogão, mas ele não pareceu notá-lo; gotas de suor surgiram-lhe na testa, brilhando. Colocou os braços atrás da cabeça e adormeceu.

Fora Padraic Cleary quem legara aos filhos os vários matizes de cabelo basto, ondulado e ruivo, se bem que nenhum deles tivesse herdado uma cabeleira tão agressivamente vermelha como a dele. Era um homem pequeno, todo construído de aço e molas, as pernas arqueadas por ter passado uma existência inteira no meio de cavalos, os braços compridos depois de tantos anos a tosquiar carneiros; cobria-lhe o peito e os braços uma densa penugem dourada, que seria feia se fosse escura. Os olhos, de um azul brilhante, andavam sempre franzidos num estrabismo permanente, como os de um marinheiro de tanto olhar para longe, e tinha um rosto agradável, com um perpétuo sorriso pouco comum que fazia com que os outros homens simpatisassem com ele à primeira vista. O nariz era magnífico, um verdadeiro nariz romano que deve ter intrigado os seus colegas irlandeses, mas a Irlanda sempre foi uma costa de naufragos. Ele ainda falava com a pronúncia suave, rápida e pouco inteligível dos irlandeses de Galway, pronunciando o *t* final das palavras como se fosse um *th*, mas quase vinte anos nos antípodas tinham imposto uma curiosa sobrecarga à sua maneira de falar, de modo que os *as* lhe soavam como *ais* e a velocidade do discurso diminuía um pouco, como um velho relógio necessitado de corda. Era um homem feliz, conseguira suportar a sua existência dura e extenuante melhor do que muita gente, e embora fosse um rígido disciplinador, cuja bota levava sempre um impulso pesado, todos os filhos, menos um, o adoravam. Quando não havia pão suficiente para todos, ele ficava sem pão; quando se tratava de escolher entre roupas novas para ele e roupas novas para uma das crianças, era ele quem as dispensava. À sua maneira, essa prova de amor valia mais do que um milhão de beijos banais. Tinha um génio danado e

certa vez matara um homem, mas tivera sorte; o fulano era inglês e havia um navio no porto de Dun Laoghaire que zarparia para a Nova Zelândia com a maré.

Fiona dirigiu-se para a porta dos fundos e gritou:

— Venham jantar!

Os rapazes foram entrando aos poucos, um após outro, e Frank entrou por último com uma braçada de lenha, que despejou na caixa grande ao lado do fogão. Padraic pôs Meggie no chão e encaminhou-se para a cabeceira da mesa, na extremidade oposta da cozinha, ao passo que os rapazes se sentavam em torno dela e Meggie se empoleara no caixote de madeira colocado pelo pai na cadeira que lhe ficava mais próxima.

Fee serviu a comida diretamente para os pratos na sua mesa de trabalho, com maior rapidez e eficiência do que um empregado de restaurante, e levou-os, dois de cada vez, à família, primeiro a Paddy, depois a Frank, e assim sucessivamente até Meggie, ficando ela para o fim.

— Oh, não! Estufado! — disse Stuart, fazendo caretas enquanto pegava nos talheres. — Porque é que me puseram nome de estufado?

Os pratos eram grandes e vinham literalmente repletos de comida: batatas cozidas, estufado de carneiro e feijão colhido naquela manhã, servidos em porções imensas. Apesar dos resmungos e sons de repugnância abafados, todos incluindo Stu acabaram por limpar o prato com miolo de pão, do qual comeram ainda várias fatias, cobertas de grossas camadas de manteiga e geleia de groselha. Fee sentou-se, engoliu a comida sem mastigar, levantou-se logo de seguida e voltou a correr para a mesa de trabalho, onde repartiu, em grandes pratos de sopa, vastas quantidades de biscoitos, feitos com muito açúcar e barrados com geleia. Em seguida, deitou um rio de creme quente e fumegante sobre cada um deles e voltou a arrastar-se até à mesa, levando dois pratos de cada vez. Finalmente, sentou-se com um suspiro; agora, sim, poderia comer sem pressas.

— Oh, que bom! Pudim com geleia! — exclamou Meggie, enfiando a colher no creme e retirando-a depois até a geleia aparecer à vista, formando listas cor-de-rosa no amarelo.

— Estás a ver, Meggie? Por ser o teu aniversário, a mãe fez hoje o teu pudim favorito — disse o pai, sorrindo.

Não se ouviram queixas desta vez; fosse do que fosse o pudim, foi consumido com prazer. Todos os Cleary gostavam de doces.

No entanto, apesar da grande quantidade de comida à base de amido que ingeriam, nenhum deles tinha um quilo sequer de carne supérflua, pois gastavam tudo a trabalhar ou a brincar. Comiam verduras e frutas porque faziam bem à saúde, mas eram o pão, as batatas, a carne e os pudins farinhentos e quentes que protelavam a exaustão.

Depois de Fee ter servido a todos uma chávena de chá do seu gigantesco bule, eles continuaram a conversar, a beber ou a ler durante uma hora ou mais; Paddy cachimbava com a cabeça enfiada num livro da biblioteca, Fee enchia chávenas sem parar, Bob estava imerso noutra livro da biblioteca e os mais pequenos faziam planos para o dia seguinte. A escola mandara embora os alunos para as longas férias de verão e os rapazes ansiavam por começar as tarefas que lhes cabiam na casa e no jardim. Bob fora encarregado de retocar a pintura exterior onde fosse necessário, Jack e Hughie teriam de tratar da lenha, dos anexos e da ordenha, Stuart ficara incumbido da horta; tudo uma brincadeira, comparado aos horrores da escola. De tempos a tempos, Paddy erguia a cabeça do livro para adicionar outra tarefa à lista, mas Fee não dizia nada, e Frank, derreado, beberricava chávena após chávena de chá.

Finalmente, Fee fez sinal a Meggie para sentar-se num tamborete alto, arranjou-lhe o cabelo e mandou-a para a cama juntamente com Stu e Hughie; Jack e Bob pediram licença e saíram para darem de comer aos cães. Frank levou a boneca de Meggie para a mesa de trabalho e principiou a colar-lhe de novo o cabelo. Espreguiçando-se, Paddy fechou o livro e colocou o cachimbo na imensa casca iridescente de uma orelha-de-são-pedro que lhe servia de cinzeiro.

— Bem, mãe, eu vou para a cama.

— Boa noite, Paddy.

Fee tirou os pratos da mesa e desenganchou uma tina grande de ferro galvanizado da parede onde estava pendurada. Colocou-a na extremidade da mesa de trabalho oposta àquela em que se achava Frank e, erguendo do fogão a maciça chaleira de ferro forjado, encheu-a de água quente. A água fria tirada de uma lata velha de gasolina serviu para esfriar o banho fumegante; passando por ela um pedaço de sabão guardado numa cesta de arame, pôs-se a lavar e enxaguar os pratos, empilhando-os de encontro a uma chávena.

Frank trabalhou na boneca sem levantar a cabeça, mas, quando a pilha de pratos começou a crescer, ergueu-se em silêncio para ir buscar um pano e principiou a enxugá-los. Movendo-se entre a mesa de trabalho e o aparador, fazia o serviço com o desembaraço de uma longa familiaridade. Era um jogo furtivo e receoso que ele e a mãe jogavam, pois a regra mais severa no domínio de Paddy referia-se à apropriada delegação de obrigações. A casa era trabalho de mulher, ponto final. Nenhum membro masculino da família devia pôr as mãos numa tarefa feminina. Contudo, todas as noites, depois de Paddy se recolher, Frank ajudava a mãe, e Fee colaborava de forma cúmplice no jogo retardando a lavagem da louça até ouvirem o baque dos chinelos de Paddy caindo ao chão. Depois de os tirar, ele nunca voltava à cozinha.

Fee olhou com ternura para Frank.

— Não sei o que me aconteceria se não fosses tu, Frank. Mas não devias fazer isso. Amanhã de manhã estarás cansado!...

— Está tudo bem, mãe. Não morro por enxugar alguns pratos. É muito pouco para facilitar-lhe a vida.

— É a minha obrigação, Frank. Não me importo.

— Eu só queria que um dia destes ficássemos ricos para a mãe poder ter uma empregada.

— Estás a sonhar muito alto!

Secou as mãos vermelhas e cheias de sabão no pano da louça e, em seguida, levou-as à cintura, suspirando. Ao pousarem no rosto do filho, os seus olhos pareceram vagamente preocupados, pressentindo o amargo descontentamento dele, mais do que o protesto normal do trabalhador contra a sua sorte.

— Frank, não alimentes ideias de grandeza. Elas só trazem complicações. Somos trabalhadores, o que quer dizer que nunca seremos ricos e nunca teremos empregadas. Contenta-te com o que és e com o que tens. Quando dizes essas coisas, estás a insultar o pai, que não o merece, sabes bem disso. Ele não bebe, não joga e trabalha como um condenado por nossa causa. Nem um centavo do que ganha vai para o seu bolso. É tudo para nós.

Os ombros musculosos arquearam-se de impaciência, o rosto trigueiro tornou-se duro e torvo.

— Mas porque há de ser assim tão mau querer da vida um pouco mais do que a escravidão? Não vejo mal algum em desejar que a mãe tenha uma empregada.

— É mau porque não pode ser! Sabes que não há dinheiro para te manter na escola e, se não podes continuar na escola, como hás de ser mais do que um trabalhador braçal? O teu sotaque, as tuas roupas e mãos mostram que ganhas a vida a trabalhar como operário. Mas não é vergonha ter calos nas mãos. Como diz o pai, quando um homem tem calos nas mãos, sabemos que é honesto.

Frank encolheu os ombros e não retorquiu. Guardados todos os pratos, Fee foi buscar o cesto da costura e sentou-se na cadeira de Paddy ao pé do fogão, enquanto Frank voltava à boneca.

— Coitadinha da Meggie! — disse ele de repente.

— Porquê?

— Hoje, quando aqueles palermas lhe puxavam a boneca de um lado para outro, ela ficou ali a chorar, apenas a chorar, como se o mundo se tivesse desmoronado. — Baixou os olhos para a boneca, que recuperara o cabelo. — Agnes! Onde terá ela ido arranjar esse nome?

— Com certeza que me ouviu falar a respeito da Agnes Fortescue-Smythe.

— Quando lhe devolvi a boneca, ela olhou para dentro da cabeça e quase morreu de susto. Qualquer coisa nos olhos a amedrontou; não sei o que foi.

— A Meggie está sempre a ver coisas que não existem.

— É uma pena que não haja dinheiro para manter os pequenos na escola. São tão inteligentes!

— Oh, Frank! Se os desejos fossem riqueza, estávamos todos ricos — disse a mãe num tom cansado. Passou a mão pelos olhos, tremendo um pouco, e espetou a agulha de cerzir numa bola de lã cor de cinza. — Não consigo fazer mais nada. Estou tão cansada que já não vejo bem.

— Vá para a cama, mãe. Eu apago os candeeiros.

— Assim que tiver atizado o fogo.

— Deixe, que eu faço isso.

Ele levantou-se da mesa e colocou a delicada boneca de porcelana com todo o cuidado atrás de uma lata de bolos, sobre o aparador, onde estaria a salvo de qualquer dano. Não o preocupava a possibilidade de que os irmãos tentassem uma nova rapina; eles tinham mais medo da vingança dele do que da do pai, pois Frank era rancoroso. Quando estava com a mãe ou com a irmã, essa característica não aparecia, mas todos os rapazes já tinham sofrido por causa dela.

Fee observava-o com o coração apertado; havia em Frank algo de selvagem e desesperado, uma aura de angústia. Se ao menos ele e Paddy se dessem melhor! Mas os dois nunca viam as coisas pelo mesmo prisma e discutiam constantemente. Talvez ele estivesse preocupado de mais com ela, talvez fosse um pouco o filhinho da mamã. A ser verdade, a culpa seria dela. No entanto, era mais uma prova da sua dedicação, da sua bondade. Ele só queria tornar-lhe a vida um pouco mais fácil e Fee voltou a surpreender-se ansiando pelo dia em que Meggie tivesse idade suficiente para tirar esse fardo dos ombros de Frank.

Pegou numa lamparina que estava sobre a mesa, mas depois voltou a pô-la no lugar e caminhou para onde Frank, de cócoras diante do fogão, deitava lenha na grande fornalha e se entretinha com o registo da chaminé. Viu-lhe o braço alvo encordado de veias salientes, as mãos bem feitas tão manchadas que nunca mais se poderiam limpar. A mão dela estendeu-se, tímida, e, muito ao de leve, afastou-lhe dos olhos a madeixa de cabelo preto e liso; era o máximo que seria capaz de fazer em matéria de carícias.

— Boa noite, Frank, e obrigada.

As sombras giravam e corriam diante da luz que avançava à medida que Fee transpunha em silêncio a porta que comunicava com a parte fronteira da casa.

Frank e Bob partilhavam o primeiro quarto; ela empurrou a porta sem fazer barulho e segurou a lamparina bem alto, de modo que a luz inundou a cama dupla, no canto. Deitado de costas, com a boca aberta e descaída, Bob tremia e contorcia-se no sono, como um cão. Fee foi até à cama e fê-lo virar-se sobre o lado direito antes que ele mergulhasse definitivamente nalgum pesadelo, depois quedou-se a contemplá-lo por um momento. Como se parecia com Paddy!

No quarto pegado, Jack e Hughie estavam quase entrelaçados. Que tratantes aqueles! Sempre metidos em travessuras, embora sem maldade. Fee tentou em vão separá-los e restituir um pouco de ordem às roupas da cama, mas as duas cabeças de caracóis vermelhos negaram-se a isso. Com um suspiro manso, desistiu. Como conseguiam sentir-se revigorados depois de passarem uma noite naquela posição era coisa que não lhe entrava na cabeça, mas eles pareciam medrar assim mesmo.

O quarto em que Meggie e Stuart dormiam era um espaço escuro e sem alegria para duas crianças pequenas; paredes pintadas de um pardo monótono, chão coberto de linóleo castanho, nenhum quadro nas paredes. Exatamente igual aos outros quartos.

Stuart virara-se de cabeça para baixo e estaria quase invisível se não fosse o pequeno traseiro em camisa de dormir que despontava das cobertas no lugar onde deveria estar a cabeça; Fee encontrou-a encostada aos joelhos e, como sempre, admirou-se de ele não ter ainda sufocado. Enfiou a mão com extremo cuidado por baixo do lençol e ficou hirta. Molhado outra vez! Bem, isso teria de esperar até à manhã seguinte, quando sem dúvida o travesseiro já estaria molhado também. Ele fazia sempre isso, invertia a posição e tornava a urinar. Mas afinal, pensando bem, um mijão entre cinco miúdos não era assim muito mau.

Meggie, dobrada sobre si mesma, formava uma bola, com o polegar na boca e o cabelo esparramado à sua volta. A única rapariga. Fee não lhe dirigiu mais do que um olhar de passagem antes de sair do quarto; não havia mistério em Meggie, era uma mulher. Fee sabia qual seria a sua sorte, e não tinha inveja nem pena dela. Os rapazes eram diferentes; eram milagres, homens formados por artes de alquimia no seu corpo de mulher. Era duro não ter ninguém para ajudar em casa, mas valia a pena. Entre os seus pares, os filhos varões de Paddy representavam o melhor testemunho de carácter que ele possuía. O homem que gera filhos varões é um homem autêntico.

Ela fechou de mansinho a porta do próprio quarto e depôs a lâmparina sobre a escrivaninha. Os seus dedos ágeis desabotoaram as dúzias de minúsculos botõezinhos que havia entre a gola alta e os quadris do vestido; em seguida, desenvencilhou os braços das mangas. Livrou também os braços do corpete de baixo e, segurando-o com cuidado de encontro ao peito, enfiou-se numa comprida camisa de dormir de flanela. Só então, decentemente coberta, se desfez do corpete, das cuecas que lhe chegavam aos tornozelos e do espartilho, já frouxo. Deixou cair o cabelo dourado que estivera muito bem preso, e todos os ganchos foram colocados na concha de um abalone, sobre a escrivaninha. Mas nem assim, belo como era, basto, brilhante e liso, lhe seria permitida alguma liberdade; Fee ergueu os cotovelos acima da cabeça e as mãos atrás do pescoço, e começou a entrelaçá-lo rapidamente. Voltou-se então para a cama, suspendendo inconscientemente

a respiração; mas Paddy estava a dormir e ela soltou um profundo suspiro de alívio. Não que lhe desagradasse quando Paddy estava disposto, pois era um amante tímido, terno e cheio de atenções, mas enquanto Meggie não tivesse mais dois ou três anos seria muito duro gerar mais filhos.